



Anotando a China

Viagem psicanalítica ao Oriente

Autor: Fabio Herrmann

Edição crítica: Fernanda Sofio

Editora: Unifesp, 2019, 200 p.

Resenhado por: Luiz Moreno Guimarães
Reino¹

PREPARATIVOS DE VIAGEM. Os fragmentos que seguem talvez compõem uma resenha, mas isso não os impede de ser o que são: preparativos de viagem. Anseiam auxiliar o leitor a arrumar a mala para uma passagem pelas brumas e pelos tempos do Oriente. Não resumem o argumento central, nem comentam a tese defendida, até porque não os há. *Anotando a China* é um livro de fotos e notas, que propõe uma *viagem psicanalítica ao Oriente* e que solicita apenas a companhia do leitor. Nele Fabio Herrmann leva adiante uma das propostas centrais da Teoria dos Campos: a ampliação temática do horizonte da Psicanálise, a busca pelo lá-fora, pelo Oriente psicanalítico.

A ÚLTIMA PRODUÇÃO DE FABIO. Leda Herrmann nos conta, no prefácio, as circunstâncias em que o trabalho foi feito. Em junho de 2005, o casal iniciou uma viagem de 40 dias, cujo roteiro incluía uma estadia primeira no Japão e depois um período maior na China. Aconteceu, porém, que a viagem, já bastante adiantada, foi interrompida por sintomas que acometeram Fabio. Era grave, exigindo imediato retorno, e em julho de 2006 a doença que ali se anunciava o conduziria ao falecimento. Nesse período de um ano de tratamento, Fabio cuidou das fotos e das anotações da viagem: selecionou as imagens e as transformou em grafismos, retomou as notas e as reescreveu. Enfim, e em fim, elaborou um livro que não chegou a ser publicado em vida.

“O livro seria uma despedida”, escreve Leda, “é percorreria pontos-chave de seu pensamento psicanalítico em uma nova linguagem, introduzindo imagens que entremeiam textos” (p. 8). Marcam suas páginas a tenacidade de um autor que, mesmo doente, e mesmo já tendo escrito uma obra original (para dizer o mínimo), se empenha em dar rosto a sua produção final. Mas

1 Doutor pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP). Membro filiado do Instituto Durval Marcondes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Fabio era assim mesmo: se dedicava à escrita todos os dias, e seus últimos não haveriam de ser de outro jeito.

FEITO COLETIVO. Como parte de seu projeto de pós-doutorado, Fernanda Sofio preparou uma edição crítica de *Anotando a China*. O miolo é a composição de Fabio, antecedida pelo prefácio de Leda Herrmann e pela introdução, “A China fala”, da própria Fernanda, e sucedida por três textos-comentários: “Futuro do pretérito”, de Renato Tardivo, “Fotos são lugares de memória”, de Lilia Moritz Schwarcz, e “Anotando a China”, de Pedro Meira Monteiro – tudo isso impresso em um bom projeto gráfico, cuidadoso com a qualidade das imagens e a disposição dos textos, resultando num feito coletivo: não só a boa apresentação do material de Fabio, mas também o início de seu estudo.

FOTOGRAFIA PSICANALÍTICA. É esclarecedor como Fernanda Sofio se refere à produção de Fabio: “É uma obra única, uma espécie de ‘caso clínico’, sendo o próprio livro resultado da relação entre o psicanalista e sua ‘paciente-China’, que vai se desenvolvendo como fotografia e poesia” (p. 21). Convenhamos que não só o objeto é consideravelmente singular, uma sorte de caso clínico de um país, como a maneira de dispô-lo também, com grafismos e poemas. Requer no mínimo que se altere a maneira de operar a ruptura de campo. É o que ocorre. A ruptura sobrevém pela fina tensão que se estabelece entre uma foto e outra, entre um verso e outro, ou entre foto e anotação.

Uma noção, formulada por Fernanda na introdução, ajuda a absorver tal forma de fazer psicanálise. *Metarrepresentação* é a representação que perdeu sua função defensiva e já não se ocupa mais em retirar os andaimes (do real e do desejo) que constituem nosso mundo (da realidade e da identidade); pelo contrário, a metarrepresentação visa deixar que surjam os andaimes.

A TRANÇA. Há três linhas de força que percorrem o livro: o caso clínico China, a despedida do autor e a extensão da estilística psicanalítica. É possível reconhecê-las, mas não é possível separá-las. Fascinante é justamente como as três linhas geram uma resultante única, em que ao mesmo tempo o autor analisa, se despede e se amplia.

ANTECEDENTE. Algumas das anotações e fotografias já vieram a público numa homenagem póstuma feita em 2006. *Anotando a China: viagem psicanalítica ao Oriente* é também um vídeo que, em pouco mais de 20 minutos, realiza um harmônico tributo. Há algo de Teoria dos Campos ali, e não só por trazer o material produzido pelo criador. Arriscaria dizer que o efeito provém da força expressiva da leitura (de João Paulo Lorenzon Schaffa) combinada à suavidade da direção (de Laura Taffarel Faerman); juntos, realizaram uma

apropriação artística do material. A força combinada (e não contrastada) com a suavidade – eis a técnica da heurística: “Remaining soft and weak is powerfulness” (Lao Zi, 1993, p. 72). Mais apropriações artísticas como essa pedem para ser feitas.

ORIENTE-SE. Sem pressa, permita que surja o estado de contemplação reflexiva. Prepare um chá, e na preparação já terá iniciado a leitura. Fabio não o compôs em um jato. Nem o leia em uma sentada. Bem o lê quem se limita a uma ou duas anotações por vez, acompanhadas de um punhadinho de fotos, e passa então a refletir sobre elas. Tempere com o tempo. Ao que poderá sentir a potência oculta na simplicidade – do livro e do chá. O grafismo assim se tornará infusão da imagem; e a anotação, cerâmica verbal.

CONCENTRAÇÕES. Aos leitores que conhecem seu pensamento, Fabio deixou uma série de pequenas surpresas. “Esclarecido é quem percebe miudezas” (Laozi, 2016, p. 379). Logo notarão que, em duas ou três linhas, o autor resume, com concisão poética, outras análises suas de várias páginas.

Isso se dá, por exemplo, quando dois versos – “Destruí a casa de meus pais,/ Para fundar seu culto” (Herrmann, 2019, p. 52) – concentram a ideia de “Des/Obede/Serás”:² serás no futuro aquilo a que desobedeceres hoje. Ou quando uma história – a do Pavilhão Dourado – contribui para a renovação da psicopatologia psicanalítica,³ entendida não como a inclusão em conjuntos gerais (nosografia), mas como a intimidade literária da clínica psicanalítica: a busca em tempo longo pela absoluta especificidade. Ou ainda quando alguns versinhos – “Quem?/ Eu?/ Mas quem de mim?” (p. 90) – absorvem a teoria dos múltiplos eus.⁴ Entre outras leves alusões.

Despediu-se com a lembrança poética da própria obra.

FICÇÃO FREUDIANA. Na noção de ficção freudiana, conserva-se um convite. Caro colega psicanalista, se vamos retomar algo da clínica de Freud (além do uso do divã), por que não decidimos por retomar o gesto heurístico em vez das teorias que dele derivaram? A proposta é simples (o deslocamento da co-memoração), mas com consequências monstruosas. Uma delas é o reposicionamento do campo conceitual. A base da Teoria dos Campos é retirar a teoria da base, não por ser avessa à teorização, mas por querer saber alguma coisa do movimento (logicamente anterior) do qual nascem as teorias. Nesse sentido, a condição primeira da ficção freudiana é ser um exercício de

2 Capítulo 6 de *Andaimos do real: psicanálise do cotidiano*, publicado inicialmente em 1985.

3 Esforço constante da Teoria dos Campos, presente em diversos textos, principalmente em *Sobre os fundamentos da psicanálise*, de 2015.

4 Teoria criada ao longo de *A psique e o eu*, de 1999.

heurística psicanalítica sem a centralidade dos conceitos. Estes podem até aparecer, mas depois, e servem apenas para demonstrar como a ficção alterou a teoria consagrada. Crucial, isto sim, é a prática do método da psicanálise de maneira destilada, e para que isso ocorra basta que o revelado (a teoria) não atrapalhe o revelar (o método).

Dizia Fabio que o avô da Teoria dos Campos, é claro, foi Freud, mas que o bisavô foi Nietzsche. Dizia sem muito explicar o legado transmitido nessa árvore genealógica. Uma possível herança, vinda do bisavô, seria o esforço em criar um saber que pudesse prescindir de noções, uma filosofia sem as garras dos conceitos. E se estes porventura surgem, voltam a ser o que eram: palavras dos homens, tão comuns e enigmáticas como qualquer outra palavra. A Teoria dos Campos vai por aí. Para ela, a teoria está para o analista tal como o passado está para o paciente; ambos vão ser ressignificados no decorrer de uma análise.

Diante de um problema psicanalítico, tente responder com ficção freudiana. Em *O divã a passeio* (Herrmann, 2001b), escreve mais ou menos assim. Imagine que está nadando em alto-mar, em Fernando de Noronha (ou em qualquer outro lugar), quando vê, à meia distância e à flor d'água, uma barbatana em crescente assustador – pronto: a análise dessa sensação é suficiente para tecer um bom estudo sobre a paranoia, que tende a ser mais proveitoso do que o recenseamento do termo na obra de um grande autor psicanalítico; sobretudo se a barbatana é de um golfinho, que não é um tubarão, mas adora brincar de pegador. “Inventar uma ficção acerca de algo apreende frequentemente melhor esse algo, que a repetição do conhecimento comum que sobre ele temos” (Herrmann, 1999, p. 162). A ficção opõe-se à repetição, e é um recurso clínico e literário para rompê-la.

Anotando a China agudiza a ficção freudiana. Além de estender sua estilística (com a fotografia e a poesia), há a brutal ausência de qualquer teorização. Nele não há teoria de partida nem de chegada – só há ruptura. Daí ser comum, durante a leitura, surgir a sensação: “Opa! Ocorreu algo de analítico aqui, ainda que eu não saiba dizer o que foi”.

TAOVEZ. Considero o livro em apreço a continuação das duas páginas que concluem a trilogia *Andaimos do real* (Herrmann, 2006, pp. 190-191). Ali também o autor analisa, se despede e se amplia... indo para o Oriente. Parte da seguinte questão: como representar a ruptura de campo? – isto é, como representar aquilo que põe em crise a representação? Inventa então um encontro ficcional de dois autores tão díspares que dali poderia surgir alguma resposta. A meu ver, Fabio na China tornou-se esse encontro.

Tomando em consideração a maneira como o autor-em-fim olhou para a própria obra, fiz um resumo dessas duas páginas finais – esquemático, é verdade, mas levemente poético, *taovez*.

HOMERO

A autoria discutível
que criou o mundo
ocidental de representações;

ao nomear a sequência geradora
(uma ação gera outra,
que gera outra, que gera...);

ao projetar a visibilidade
total do mundo;

ao manter a clareza meridiana
votada ao delírio;

por fim, forjou
o escudo representacional e a
pausa para a representação:

Mímese.

LAO TZÉ

A autoria discutível
que criou o caminho
para deixar o mundo para trás;

ao desnomear o campo gerador
(as coisas nascem de Algo,
e o Algo, do Nada);

ao sublimar o vazio
e a contradição livremente assumida;

ao conservar a penumbra contemplativa
votada à inação;

por fim, delineou
o manual antidelirante e a
pausa para a crise da representação:

Tao.

Referências

- Herrmann, F. (1999). *A psique e o eu*. Hepsyché.
- Herrmann, F. (2001a). *Andaimes do real: psicanálise do cotidiano*. Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1985)
- Herrmann, F. (2001b). *O divã a passeio: à procura da psicanálise onde não parece estar*. Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2006). *Andaimes do real: psicanálise da crença*. Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2015). *Sobre os fundamentos da psicanálise*. Karnac.
- Laozi (1993). *The book of Lao Zi* (H. Guanghu et al., Trans.). Foreign Languages Press.
- Laozi (2016). *Dao De Jing* (G. Sinedino, Trad.). Unesp.

Luiz Moreno Guimarães Reino

Alameda Joaquim Eugênio de Lima, 881, conj. 1007

01403-001 São Paulo, SP

Tel.: 11 97159-6180

luizmorenog@gmail.com